

Última Flor do Lácio Breve reflexão acerca do idioma português

Raquel Bevilaqua da Silva[©]

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó

O que quer
O que pode
Esta língua?

Abstract[©]

The objective of this work is to point out the differences between the two concepts of the Portuguese language given by two well-known poets through two famous poems: "Língua Portuguesa", by Olavo Bilac, and "Língua", by Caetano Veloso. These pieces of poetry will be analyzed in order to illustrate the existence of the "Luso" Portuguese and the "Brazilian" Portuguese and also to demonstrate that they are a result of different cultural contexts. For this reason, the social context of both poets will also be taken into consideration, since it is pertinent to achieve such an objective. Moreover, some issues related to language in a general sense will be briefly exposed.

Resumo

O objetivo deste trabalho é apontar as diferenças entre duas concepções de língua portuguesa dadas por dois poetas conhecidos através de dois poemas famosos: "Língua Portuguesa", de Olavo Bilac, e "Língua", de Caetano Veloso. Estes poemas serão analisados com o propósito de ilustrar a existência do português luso e do português brasileiro e também de demonstrar que eles são um resultado de diferentes contextos culturais. Por esta razão, o contexto social de ambos os poetas será levado em consideração, uma vez que isso é pertinente para que se alcance tal objetivo. Além disso, algumas questões relacionadas com a língua de um modo geral serão, brevemente, expostas.

Introdução

A partir de dois poemas conhecidos acerca de nosso idioma pátrio, *Língua Portuguesa*, de Olavo Bilac, e *Língua*, de Caetano Veloso, será realizada, primeiramente, uma análise sob uma ótica de ordem temática e estilística, uma vez que o primeiro situa-se no estilo parnasiano e o segundo, no moderno. Num segundo momento, levando-se em conta que ambos os autores pertencem a épocas diferentes, também o contexto histórico, político e social de ambos será considerado com o propósito principal de verificar, a partir dessa consideração, as diferentes referências que cada autor destina a um mesmo idioma: o idioma português. Além disso, para dar início a este trabalho, algumas questões de ordem social, política e econômica que, inevitavelmente, encontram-se relacionadas com a língua de uma nação serão explicitadas.

Língua Portuguesa¹

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrol da saudade e da ternura!*

[©] Trabalho destinado à avaliação parcial da disciplina Português VII, ministrada pela professora Dioni Paz. Aluna de graduação do 7º semestre do curso de Letras.

¹ BILAC, Olavo. *Poesia*. 1976, p. 86.

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
Em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

Língua²

Costo de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões.
Costo de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões.
Costo do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa,
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugueses morrerem à míngua,
"Minha pátria é minha língua"
-Fala, Mangueira!

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode
Esta língua?
Caetano Veloso

Panorama histórico

A fim de dar início a este trabalho, é preciso que se faça um breve comentário histórico sobre a colonização do Brasil. A língua portuguesa, ninguém pode negar, não é a 'verdadeira' língua de nosso país, visto ser um legado da colonização portuguesa no Brasil de 1500. Naquela época, as grandes navegações e a conquista de novas terras e riquezas eram os objetivos do então poderoso e ambicioso Império Luso. Com a descoberta do Brasil, os portugueses não encontraram riquezas de imediato. Contudo, os colonizadores viram na exportação do pau-brasil uma rentável fonte de lucro.

No entanto, para que se exportasse tal madeira, era necessária a mão-de-obra escrava. Índios, que tiveram suas terras usurpadas, e, mais tarde, negros, arrancados de suas terras, foram, impiedosa e violentamente, forçados a trabalhar para produzir riquezas a fim de alimentar a

insaciável metrópole portuguesa. Além disso, esses dois grupos étnicos desafortunados também foram, aos poucos, obrigados a se desfazer de sua identidade cultural, papel este que coube aos jesuítas, que se diziam estar a serviço de Deus. A fé portuguesa em um Deus único não admitia a prática de uma crença politeísta, que fazia parte das culturas indígena e africana. Conforme declara Silva (1992):

(...) a catequização serviu como instrumento desarticulador da identidade cultural do índio. Com a catequese, o universo de valores do indígena foi desmantelado.³

A partir desse momento, de escravidão física e de imposições ideológicas, pode-se dizer que teve início a penosa formação do diversificado povo brasileiro: uma mistura de índios, negros, mestiços e ambiciosos e inescrupulosos europeus.

A questão da estima

Este breve panorama histórico serve para que se faça uma reflexão acerca do idioma português, uma vez que ele foi imposto com o propósito de servir aos interesses do Império Luso. É interessante observar como a língua de uma nação relaciona-se diretamente com questões de ordem política e econômica. Segundo Moita Lopes (1996: 50), "a língua sempre foi companheira do Império" e, é válido dizer, assim como os romanos encarregaram-se de propagar o latim com a finalidade de se apoderarem de terras estrangeiras, a nossa língua nos foi dolorosamente imposta pelo então império político e econômico da época que tinha em mente a conquista e a colonização de nossas terras, ou melhor, da terra de nossos desfavorecidos índios.

Sendo esta a história primeira do Brasil, de dominação e exploração, é interessante levantar uma questão sobre a nossa estima, isto é, a estima do povo brasileiro pela língua portuguesa, tão reverenciada por Bilac e Caetano nos poemas anteriormente expostos: como é possível que se valorize uma língua que foi imposta às custas de suor e sangue daqueles que contribuíram para a edificação deste país? Esta é uma pergunta difícil de responder, mas, uma vez imposta, a língua portuguesa, há de se considerar, acabou por fazer parte de nossa cultura, sofrendo modificações advindas de nosso contexto social e, é possível dizer, tomando-se nossa língua, refletindo nossa diversidade cultural e representando nossa identidade nacional. Desta forma, em última

² VELOSO, Caetano. *Velô*, 1984.

³SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. 1992, p. 60.

instância, é viável acrescentar que o português falado aqui difere, e muito, do português falado em Portugal. Nossa língua portuguesa (a língua do Brasil) não pode mais, portanto, ser considerada a mesma da época da colonização devido a modificações históricas, políticas, econômicas, e, principalmente, sociais e culturais.

Considerando, ainda, a questão da estima, é importante mencionar o fato de que a língua portuguesa que goza de prestígio social em nosso país é a língua ditada pela gramática normativa. Contudo, a língua presente na gramática é totalmente diferente e distante de nossa realidade social, pois não considera as diversidades lingüísticas de nossa sociedade. Esse é um fator que, de certa forma, influencia nossa estima por nossa língua. Já que a língua de uma sociedade deveria representar a cultura e a identidade dessa, a imposição de uma língua padrão que reflete apenas a identidade de uma minoria privilegiada (a classe dominante) não condiz com a noção de língua dada anteriormente. A classe dominante é aquela que detém o poder político e econômico de uma sociedade, por essa razão, Couto afirma que a língua é mais um recurso:

(...) de que dispõem (os donos do poder) para manter a maioria (o povo) subjugada. Se esta quiser falar "o bom português", deve pedir aos serviços dos donos do poder a chave, pois só eles a possuem.

E ainda:

A porta que leva a este português está sempre voltada para trás, leva ao passado, ao como os antigos (leia-se, os escritores clássicos) falavam e escreviam.⁴

Língua e poder

A língua, conforme visto acima, não deixa de ser um instrumento de dominação de um povo. Com isso em mente, é que se pode declarar que o português considerado culto (ou padrão) é aquele falado e prestigiado pela camada social superior. Na época do Brasil colônia, a língua prestigiada era a língua de Portugal, o que se falava aqui era considerado um desvio da regra padrão, como até hoje, para muitos reacionários, ainda é, pois ainda temos um sentimento de dependência em relação a um país considerado 'civilizado', isto é, Portugal. Tal sentimento de dependência é, sem dúvida, fruto da colonização portuguesa e vai resultar no que se conhece por 'preconceito lingüístico', isto é, uma falsa concepção de que o português de

Portugal, ou o português ditado pela gramática normativa é o único possível de ser aceito. As diversidades lingüísticas seriam, então, não só desconsideradas do contexto social pela classe dominante, mas também desprestigiadas, até mesmo ridicularizadas, por aqueles que dominam o português padrão.

Segundo Couto, a língua brasileira, ou seja, aquela falada pelo povo brasileiro, não tem crédito, pois, conforme referido anteriormente, para que um indivíduo ascenda socialmente e chegue a ocupar um lugar de respeito e destaque no seu grupo social, é preciso que domine a língua padrão (aquela advinda e estabelecida por Portugal). Pelo fato de termos sido colônia de Portugal, existe:

(...) a concepção implícita de que os portugueses sabem mais português do que nós, de que "falam melhor do que nós". (...) Os próprios brasileiros têm uma espécie de sentimento de culpa, para não dizer complexo de inferioridade, pois acham que falam "tudo errado". Se quiserem falar bem, têm que falar como os portugueses falam.⁵

Seguindo nessa perspectiva preconceituosa de que o português falado em Portugal é superior ao português falado aqui, é válido fazer uso das palavras de Bagno:

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal.⁶

Análise dos poemas e respectiva conjuntura histórica

Conforme será visto, há uma notável diferença quanto ao tratamento da língua portuguesa realizado pelos dois escritores anteriormente mencionados e cujas concepções a respeito de nosso idioma divergem bastante. Para dar início à análise dos poemas, é um fator importante para tal diferença de tratamento o contexto histórico e social de cada autor.

Quanto ao primeiro poema, *Língua Portuguesa*, faz-se necessário citar, brevemente, o estilo literário vigente na época em que foi escrito. A "Arte pela Arte", ou o culto à forma, era a preocupação básica do estilo parnasiano do fim do século XIX e início do século XX. Essa estética caracterizou-se, além de outras coisas, por se distanciar das preocupações sociais da época e por perseguir uma temática objetiva, despida do sentimentalismo romântico (típico do Romantismo),

⁴ COUTO, Hildo Honório do. *O que é Português Brasileiro* 1988, p. 36.

⁵ Idem. Ibidem. p. 24.

⁶ BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz*. 1999, p. 23.

numa tentativa de se atingir a impassibilidade e a impessoalidade. Por essa razão, surge uma poesia carregada de descrições objetivas e impessoais e predominantemente retrógrada, isto é, voltada para o passado. Era a retomada da Antigüidade Clássica com seu racionalismo e formas perfeitas em contraposição ao estilo romântico.

Esta breve explanação sobre o Parnasianismo é útil quando se tem por objetivo analisar o soneto de Bilac (*Língua Portuguesa*) sob uma perspectiva também estilística. Por se tratar de um soneto, conforme referido anteriormente, já é possível evocar uma das características principais que faziam parte da estética parnasiana: a preocupação com a forma. Além disso, observamos que os versos do soneto são todos decassílabos e as rimas são ricas, o que serve para reiterar tal preocupação.

Quanto ao conteúdo, é necessário evidenciar que a língua portuguesa referida nesse soneto pelo poeta brasileiro é a língua de Portugal, ou ainda, a língua do poeta luso Camões (v. 13), alusão esta que remete ao Classicismo (estilo literário retomado pelos poetas parnasianos). No primeiro quarteto, o "eu"-lírico do soneto refere-se à língua como a "última flor do Lácio", isto é, a última língua oriunda do Latim vulgar da região do Lácio, na antiga Roma. No primeiro terceto, o poeta faz, novamente, alusão ao passado no momento em que menciona as grandes navegações, responsáveis pela expansão do idioma português ("De virgens selvas e de oceano largo", v.10). Se a regra que seguiam os escritores parnasianos era a volta ao classicismo, isto é, a retomada de preceitos antigos, é mais fácil compreender a razão que levou Olavo Bilac a fazer uma ode ao português luso, isto é, o português de Portugal, idioma este, vale repetir, distante da realidade social brasileira.

Quanto à caracterização do idioma português, a partir do primeiro verso, o poeta procura descrever a língua lançando mão de adjetivos diversos em que muitos apresentam um caráter paradoxal ("inculta e bela", v.1; "esplendor e sepultura", v.2). O paradoxo expresso por alguns adjetivos representa, de uma certa forma, uma dificuldade enfrentada pelo "eu"-lírico em conceituar ou mesmo definir a língua portuguesa uma vez que esta parece ser indefinível.

Além dos versos mencionados acima, outros que estão presentes no poema manifestam a idéia de contraste referente à língua, 'tentativamente', conceituada pelo "eu"-lírico ("Tuba de alto clangor, lira singela", v. 6). A partir desse fragmento, a idéia da incapacidade ou mesmo impossibilidade de definir a língua portuguesa é reiterada. Percebe-se que o desejo do poeta em conceituar a língua não

é alcançado, visto que ele a apresenta utilizando-se, do início ao fim do soneto, de adjetivos e idéias que se contrapõem. Talvez seja possível declarar que a incapacidade em conceituar a língua portuguesa esteja relacionada com as incoerências gramaticais apresentadas e impostas pela própria gramática normativa. Segundo Perini, numa crítica à gramática tradicional, afirma que esta:

(...) é uma gramática construída sobre um caos teórico, não sendo de admirar que ela seja também caótica.⁷

Contudo, apesar dessa "incapacidade" e dessa dificuldade em conceituar a língua portuguesa, é possível apreender, de forma clara, uma espécie de rendição por parte do "eu"-lírico à língua lusa e a todos os seus mistérios e paradoxos ("Amo-te assim, desconhecida e obscura", v.5). O poeta revela-se um apaixonado pela sua língua materna e empenha-se em homenageá-la apesar de reconhecer os obstáculos impostos por ela ("Amo o teu viço agreste e o teu aroma", v.9) e ainda ("Amo-te, ó rude e doloroso idioma", v.11), obstáculos que são mencionados até mesmo pela dificuldade imposta pela língua e encontrada pelo poeta em escrever versos sob a rigidez do culto à forma.

Para que se analise *Língua*, de Caetano Veloso, é necessária uma breve explanação acerca do Modernismo e do contexto histórico e social deste período. O Movimento Modernista Contemporâneo, reflexo de um tempo em que a ditadura militar vigorou desde 1964 até 1985, tinha como uma de suas características principais a quebra de formas rígidas em sua poesia, o verso livre, exploração cada vez maior da paródia, a busca de uma ordem espaço-temporal não linear em vez de uma ordem temporal linear entre outras.

O poema de Caetano Veloso, exilado devido à ditadura militar, apresenta-se sob a seguinte perspectiva: uma tentativa de quebrar as regras formais do Parnasianismo e também uma tentativa de expressão de uma sociedade que fora "castrada" mentalmente e que vivia sob a mira de um poderoso e repressor regime militar. O que se apreende desse período é uma espécie de "necessidade" de romper os laços com o passado e lançar olhos para um novo horizonte que começava a tomar forma decorrente do desejo popular pelas "Diretas Já", isto é, "movimento direcionado à redemocratização do país" (Silva, 1992: 313). Esse panorama histórico e social da época em que *Língua* foi composto fornece razões

⁷ PERINI, Mário A. *Para uma Nova Gramática do Português*. 1993 p.11.

suficientes para a nova visão da língua portuguesa proposta por Caetano, apresentada a seguir.

Em *Língua*, há uma notável mudança tanto no que se refere à forma quanto ao que se refere ao conteúdo do poema. O que se apreende do segundo poema é uma certa “necessidade” – devido ao contexto histórico e social elucidado previamente – por parte do “eu”-lírico em romper regras formais. Isto se aplica, também, à mudança de perspectiva em relação à língua portuguesa. Em termos formais, *Língua* é composto por duas estrofes; a primeira possui dezesseis versos e a segunda, apenas cinco. As rimas não obedecem a nenhum esquema rígido e os versos são livres, o que demonstra uma “quebra” da rigidez formal presente no primeiro poema (previamente analisado).

O soneto de Bilac refere-se à língua portuguesa de Portugal uma vez que ele busca imitar os poetas clássicos. Já o poema de Caetano Veloso apresenta uma nova visão em relação ao mesmo idioma. Há uma menção por parte do “eu”-lírico ao idioma de Portugal (“A língua de Luís de Camões”, v.2). Entretanto, o português escrito e mencionado em *Língua* é o português inserido e extraído do contexto brasileiro, claramente expresso pela palavra “Sambódromo” (“Flor do Lácio Sambódromo”, v.17). Diferentemente do primeiro poema, em *Língua*, o autor refere-se, explicitamente, a um português tipicamente brasileiro, isto é, ao idioma falado em seu próprio país pela grande maioria do povo.

Em *Língua Portuguesa*, a língua reverenciada por Bilac é a língua valorizada pela minoria social que detém o poder. A partir dessa assertiva pode-se dizer que a língua portuguesa, assim representada, distancia-se da realidade da grande maioria dos brasileiros. Enquanto isso, numa perspectiva diferente, Caetano Veloso reverencia a língua que ‘pertence’ ao povo brasileiro, isto é, a língua inserida na realidade social brasileira, concretamente conhecida e utilizada pelo povo do Brasil. Tal visão da língua ‘portuguesa brasileira’ faz com que haja uma aproximação e uma identificação entre a massa popular e a sua própria língua. O português ganha nova conotação; deixa de ser o instrumento de dominação e passa a ser o representante de uma identidade cultural, isto é, de crenças, valores e ideologias próprias do povo brasileiro.

É possível acrescentar, ainda, que o contexto social onde o português brasileiro está inserido é povoado de complexidades, apresentando desníveis sociais e lingüísticos e, se a sociedade é complexa, a linguagem, inevitavelmente, refletirá essa realidade. No fragmento a seguir, é possível

observar uma breve definição acerca do português ‘brasileiro’:

É um português acabado? Sim, porque a esmagadora maioria dos brasileiros vive à margem do processo produtivo. Somos um país não só eminentemente rural, mas também favelizado em alto grau.⁸

Através de *Língua*, é possível dizer que a concepção de uma nova língua portuguesa proposta por Caetano torna-se mais coerente com a nossa realidade social. Porém, é necessário evidenciar que tal visão não desconsidera a remota origem latina do idioma nem tampouco a sua consagração através de escritores portugueses, como Camões e Pessoa, mas, antes, enriquece a concepção de língua ao fazer alusão a um idioma caracteristicamente brasileiro, idioma este oriundo da grande massa popular brasileira (“Fala, Mangueira!”, v.16). Palavras como “sambódromo” e “Mangueira”, que remetem ao samba, música popular brasileira, criada pela camada social menos privilegiada, das favelas cariocas, lugar onde o idioma português sofre modificações e ganha nova aparência, reforçam a assertiva anterior.

O “eu”-lírico faz referência ao passado, mas apenas para situar as origens de seu idioma pátrio. Na verdade, o que *Língua* busca é a consagração do idioma português enquanto fruto de transformações sociais, políticas e históricas advindas do contexto tipicamente brasileiro. Por esta razão é que se pode declarar que neste poema está presente uma nova visão da língua portuguesa, reverenciada por Caetano, tal como expressa o verso 15 “Minha pátria é minha língua”, ou seja, o português do Brasil é celebrado pelo “eu”-lírico. Cabe acrescentar, ainda, que este ‘novo’ português procura valorizar a cultura popular brasileira e sua influência no idioma falado pelos brasileiros. Sem dúvida, é um português que se relaciona, diretamente, com nossa diversificada realidade social.

Para conduzir, é válido acrescer que, ao contrário do soneto de Bilac, o poema de Caetano Veloso, de uma certa maneira, procura romper com a concepção arcaica de uma língua “absoluta”, isto é, uma língua entendida como a única “correta” de uma sociedade, sem considerar as variantes lingüísticas dos falantes dessa língua. Enquanto *Língua Portuguesa* reverencia o passado, o “clássico”, a língua prestigiada pela classe dominante, *Língua* procura inovar, expandir a concepção de língua portuguesa, reconhecendo a existência de variantes lingüísticas e, dessa forma,

⁸ COUTO, Hildo Honório do. *O que é Português Brasileiro*. 1988, p. 35.

reconhecendo que a língua de um povo é dinâmica e é, concomitantemente, o produto e o reflexo de transformações sociais.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*: O que é, como se faz. Porto Alegre: Ed. Loyola, 1999.
- BILAC, Olavo. *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1976.
- COUTO, Hildo Honório do. *O que é Português Brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- LAPA, Rodrigues Manuel. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.
- PERINI, Mário A. *Para uma Nova Gramática do Português*. São Paulo: Ática, 1993.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura*. São Paulo: Linceu, 1989.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1992.
- VELOSO, Caetano. *Velo*. São Paulo 1984.